

Organizações e movimentos periféricos nas redes digitais ibero-americanas

*Pedro Rodrigues Costa
Edson Capoano
Daniel Barredo Ibáñez
(Editores)*



2022

Organizações e movimentos periféricos nas redes digitais ibero-americanas

Pedro Rodrigues Costa
Edson Capoano
Daniel Barredo Ibáñez
(Editores)

Colección Liberad y conocimiento 4
Primera Edición

CIESPAL

Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina
Av. Diego de Almagro N32-133 y Andrade Marín • Quito, Ecuador
Teléfonos: (593 2) 254 8011
www.ciespal.org
<https://ediciones.ciespal.org/>

Diagramación
Diego S. Acevedo A.

ISBN primera edición: 978-9978-55-209-4

Ediciones Ciespal, 2022

Los textos publicados son de exclusiva responsabilidad de sus autores.



Reconocimiento-SinObraDerivada
CC BY-ND

Esta licencia permite la redistribución, comercial y no comercial, siempre y cuando la obra no se modifique y se transmita en su totalidad, reconociendo su autoría.

Crise, Europa e *cartoons*: elementos para uma semiótica da identidade europeia no ciberespaço

Daniel NOVERSA

CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS),
Universidade do Minho

daniel.noversa@ics.uminho.com

Rita RIBEIRO

CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS),
Universidade do Minho

rmgr@ics.uminho.pt

Resumo

Este capítulo visa fazer uma análise da (crise da) identidade europeia através de um conjunto de *cartoons* coligidos a partir da rede social Facebook, na tentativa de compreender as narrativas produzidas acerca da União Europeia atravessada por eventos críticos mediatizados, designadamente a crise migratória ou dos refugiados e o *Brexit*.

As representações visuais analisadas revelam a complexidade das narrativas identitárias que circulam nesta rede social sobre a Europa, ao sinalizarem contradições, impasses e ameaças da integração europeia na última década, mas também promovem a construção de identidades reflexivas, isto é, ancoradas na relação prática dos europeus com o projeto da União Europeia.

Palavras-Passe: Identidade europeia; Facebook; *cartoons*

Abstract

This chapter aims to analyze the European identity (crisis) through a set of cartoons collected from the social media Facebook in order to understand the narratives produced about the European Union, crossed by mediatized critical events, namely the migratory's crisis or refugees, and Brexit.

The analyzed visual representations, reveal the complexity of the identity narratives about Europe to circulate on this social media, by pointing out contradictions, impasses, and threats of the European integration in the last decade. However, they also promote the construction of reflective identities, that is, anchored in the practical relationship of the Europeans with the European Union project.

Key-words: European identity; Facebook; cartoons

Resumen

Este capítulo tiene como objetivo analizar la (crisis de) identidad europea a través de un conjunto de *cartoons* recogidos de la red social Facebook, en un intento de comprender las narrativas producidas sobre la Unión Europea atravesadas por hechos críticos mediatizados, a saber, la crisis migratoria o los refugiados y Brexit. Las representaciones visuales analizadas revelan la complejidad de las narrativas identitarias que circulan en esta red social sobre Europa, al señalar contradicciones, impasses y amenazas a la integración europea en la última década, pero también promueven la construcción de identidades reflexivas, es decir, ancladas en el relación práctica de los europeos con el proyecto de la Unión Europea

Palabras clave: Identidad europea; Facebook; *Cartoons*

A saga da europeização não é só contada por nós, académicos; faz parte da forma como a sociedade se interpreta a si mesma; é a história de todos nós.
Hans-Jörg Trenz (2014, p. 10)

1. Aproximações à questão

Apesar de há seis décadas a União Europeia se ter constituído como um espaço de pertença de cidadãos livres em direitos e como uma entidade política corporizada em instituições, nas últimas duas décadas, ela vem sendo atingida por experiências críticas que têm intensificado as incertezas quanto à sua ordem política e normativa, e revelado as antinomias da europeização (Stråth, 2019; Trenz, 2014). Desde logo, assiste-se a um estrépito que vem fragmentando os discursos legitimadores na esfera pública, onde opiniões e Estados se dividem em matérias de diverso teor, tais como o *Brexit*, a crise migratória ou dos refugiados, as eleições europeias, etc. E, numa altura em que, diariamente, a informação é facilmente recebida e partilhada graças aos sofisticados meios de comunicação social e através das redes sociais digitais, sobretudo Facebook e Twitter, torna-se particularmente importante analisar o quanto essas opiniões, mensagens e signos partilhados têm concorrido para a consciencialização e debate público europeu.

Vistas como plataformas com potencialidades na concretização de práticas de cidadania, as redes sociais revelam-se como meios propícios para uma livre expressão de opiniões e, por isso, são fortemente suscetíveis para o questionamento político e a crítica social. Alguns autores consideram-nas “como arenas particularmente promissoras para a contestação da solidariedade por parte dos cidadãos” (Trenz et al., 2020, p. 150). Deste ponto de vista, tornam-se espaços mais

alargados para a “ação comunicativa” (Habermas, 1992), donde grassam discursos que nos podem ajudar a compreender um pouco mais acerca dos sentidos narrativos e das representações sociais que ganham ancoragem na esfera pública.

Nas últimas décadas, os meios sociais digitais têm progressivamente penetrado em todos os domínios da vida pública, alterando as condições das interações sociais e da comunicação institucional (van Dijck & Poell, 2013). São, assim, plataformas relevantes para o desenvolvimento de uma cultura política, na medida em que envolvem tanto a participação dos cidadãos como das instituições da sociedade civil, criando espaços ou fóruns para práticas de responsabilidade cívica e podem, desta feita, incrementar estruturas democráticas informais que trabalham para debates políticos “mais cívicos, globais, inclusivos e acessíveis, e empoderam grupos desfavorecidos e pluralizam a esfera pública de várias maneiras” (Trenz et al., 2020, p. 149).

Não se procura, todavia, com este texto entender o papel ou a lógica dos *social media* (ver van Dijck & Poell, 2013), mas antes analisar como os conteúdos visuais que circulam no Facebook, por exemplo, contribuem para produzir, fixar e debater significados das relações sociais no contexto de uma Europa politicamente turbulenta.

As mensagens visuais que alimentam essas plataformas *online* oferecem-se como elementos de comunicação relevantes para um ensaio de semiótica social da realidade europeia contemporânea, numa altura em que a imagem assume a qualidade de vetor primordial na comunicação humana (Martins et al., 2017). Elegemos os *cartoons* (mediáticos) como matéria-prima para a análise, não só porque podem ser entendidos como recortes simbólicos que trabalham o imaginário de um universo de experiências (Simmel, 2007), mas também porque inscrevem e transportam um discurso social carregado de significados ambíguos através da caricatura e da sátira. Moisés de Lemos Martins (2017, p. 15) enquadraria este processo de significação na cibercultura; nas suas palavras, a cibercultura “enquanto semiótica da rede, ocupa-se de narrativas visuais tecnológicas.”

Os *cartoons* analisados foram publicados entre 2016 e 2018 e recolhidos através da *feed news* da rede social Facebook. O *corpus* empírico foi constituído a partir do seguinte critério: escolher ilustrações que representassem o atual estado da União Europeia, em momentos distintos e em associação a eventos específicos – crise migratória e *Brexit*.

Na tabela 1, são apresentados os *cartoons* por número de *likes*, comentários e partilhas, para daí se retirar, primeiramente, uma avaliação do impacto ou do alcance que cada um teve na rede Facebook. Desde logo, o que ressalta nos números, em todas as categorias, são os *cartoons* que estão em estreita relação com a temática do *Brexit* (os três primeiros), enquanto os dois últimos, referentes à crise migratória, revelam um alcance de intensidade mais fraca.

Através da tabela 1 também nos é possível verificar que o número de comentários é, notoriamente, muito baixo, em alguns casos nulo, em comparação com o elevado número de seguidores das páginas onde os *cartoons* foram partilhados, o que sugere uma participação cívica passiva ou débil, que pode estar, hipoteticamente, relacionada com um certo alheamento face a fenómenos sociais complexos. No âmbito da participação cívica na “rede”, os *likes* contam muito pouco, porque são frequentemente usados como sinal de que os utilizadores visualizaram a publicação e não com a função de indicar se concordam com a mensagem que a publicação transmite.

Tabela 1. Lista de cartoons por quantidade de likes, comentários e partilhas

	Likes	Comentários	Partilhas
Cartoon da Figura 1	573	16	308
Cartoon da Figura 2	415	44	183
Cartoon da Figura 3	221	36	20
Cartoon da Figura 4	46	0	29
Cartoon da Figura 5	30	0	6

Fonte: Elaborado pelos autores

Estes resultados, contudo, não tiram relevância a uma análise dos seus conteúdos. Assim, concluído este processo de recolha, foi feita uma análise multimodal (Rose, 2007) às imagens selecionadas, interpretando os significados implícitos e explícitos das componentes visual e textual das publicações. Por se tratar de uma amostra de pequena dimensão, a análise e interpretação apresentadas são de carácter exploratório e com o propósito de demonstrar a relevância das representações visuais nas narrativas sobre a Europa e a identidade europeia.

2. As identidades e os meios sociais digitais: uma abordagem conceptual

Com o intuito de desenvolver uma análise sobre a (crise da) identidade europeia no ciberespaço, a primeira diligência que nos compete diz respeito a uma abordagem conceptual do objeto. Posto isto, fazemos de seguida um rápido esclarecimento conceptual, antes de refletirmos sobre as evidências empíricas.

Há muito que as ciências sociais afirmam que a identidade não é uma entidade fixa e estável, mas uma construção social e historicamente contingente (Hall, 1996). Ao construírem-se em campos de relações práticas, as identidades – e designadamente as coletivas – conceptualizam-se como narrativas (Somers, 1994; Eder, 2009) e por via de representações simbólicas (Elias, 2002) que criam relações sociais entre os indivíduos e contam-lhe como se constituem as suas próprias moradas de pertença. São, portanto, entendidas como recursos discursivos ativos nas falas e nas práticas dos atores (Bourdieu, 2002), reificando-se na esfera pública à custa da “ação comunicativa” (Habermas, 1992).

É neste sentido que a identidade não é aqui tida tanto como uma categoria analítica, mas antes tratada como uma “categoria prática” (Brubaker & Cooper, 2000). Isto é, trata-se de, mesmo que de forma

limitada, compreender a Europa enquanto esfera do quotidiano dos europeus, analisando práticas e formações discursivas, sobretudo, expressas num conjunto de trabalhos de cartunistas que circula(ra)m no Facebook. Para além de nos ajudar a escapar da tentação essencialista, muitas vezes associada às identidades coletivas, esta abordagem conceptual permite-nos alargar o espectro de análise e identificar da melhor maneira os múltiplos enunciados e concepções de Europa que estão sendo imaginados (Anderson, 2004) nos *mediascapes* (Appadurai, 1996). Porém, neste texto, o objetivo não é tanto saber com que Europa os europeus se têm vindo a identificar e se expressam sentimento de pertença por essa entidade, mas conhecer quais os significados que emanam das representações visuais que são produzidas e postas a circular nos momentos em que a agitação mediática acompanha as crises vividas na Europa.

Se as identidades se constituem como narrativas que fazem sentido a um determinado conjunto de atores sociais, é também verdade que os meios sociais digitais proporcionam as condições favoráveis para abrigarem novas formas de significação e perceção das identidades. De acordo com Moisés de Lemos Martins (2017, pp. 12-13), os média digitais impuseram uma alteração dos sentidos, significando isso “novas práticas de produção de sentido, ou seja, novas práticas da linguagem e da comunicação”.

Para além de as tecnologias de comunicação digital terem alterado as perceções do tempo e do espaço, fazendo com que a consciência das fronteiras ficasse mais esbatida, a experiência digital contemporânea fez, sobretudo, com que o processo de socialização se tornasse mais complexo e difuso. E é, de facto, com o surgimento das tecnologias *ecrânicas* que começamos a constatar novas formas de olhar e interpretar a realidade (Costa, 2013), na medida em que nos sujeitou a uma conectividade incessante (van Dijck & Poell, 2013), a uma espécie de galáxia de sensações e perceções que nos incita, diariamente, a um *reqajuste* constante das nossas estruturas psicossociais, induzindo ações e mobilizando emoções por meio de um processo de agência e

captação da *atenção* dos sujeitos para o fluxo de coisas e lugares do mundo a circular na “rede” (Costa, 2020).

Os conteúdos cognitivos e normativos inerentes às narrativas (re) formuladas em contextos de ação social também estão hoje subjugados a uma lógica de experiências e relações comunicativas mais ambíguas e ambivalentes (Bauman, 2004, 2007), que são corolário da sociedade do risco (Beck, 1992). Daqui decorrem, portanto, novas dinâmicas nas relações sociais, na comunicação e na partilha de informação, que se fazem tanto dentro de um processo de aprendizagem intersubjetivo, como através de um processo cultural criativo interobjetivo (Latour, 2012). Dito de outra forma, um espaço de identidade narrativa co(i) nstituído não está só dependente de um reconhecimento moldado pelas interações sociais e práticas discursivas que formam o *habitus* (Bourdieu, 2002), mas, igualmente, o discurso cultural das identidades verte-se e é reproduzido, na era digital, pela utilização de instrumentos sociotécnicos de comunicação indireta, como são escutar rádio e ver televisão, ler jornais e revistas, bem como pesquisar e consultar textos, vídeo ou fotografias na internet, com os quais nos identificamos ou não. Deste modo, a construção social da realidade passa a ser também escorada pelos conteúdos que vemos, ouvimos ou lemos nos vários canais de informação e comunicação (digitais) e, no rodopio desses processos de identificações e associações contingentes (Costa, 2020), há lugar para as nossas perceções do mundo virem a ser ubiquamente influenciadas e (re)ajustadas para um sentido identitário cada vez mais elástico, híbrido e ambivalente.

Por outro lado, os meios sociais digitais podem ser vistos como agentes que participam e trabalham no processo de formação da memória social (Erll, 2011), que é outra dimensão fundamental na constituição das identidades. Desde logo, os quadros mediáticos de memória construídos, “capacitam e modelam o modo de lembrar e interpretar os diferentes tipos de experiência” (Erll, 2011, p. 130). Com o auxílio destas tecnologias digitais, a memória tende a tornar-se também mais “forjada e reforçada a partir de um discurso cada vez

mais crítico (...) [uma] memória cada vez mais *contestada*” (Hoskins, 2001, p. 334). E, como veremos de seguida com mais detalhe, a partir de uma interpretação de *cartoons*, o projeto identitário europeu lida hoje com uma polarização e fragmentação na esfera pública que pode vir a romper com a memória europeia de há sessenta anos. No entanto, se a identidade é feita e refeita pelos sentidos gerados a cada tempo histórico (Lorenz & Bevernage, 2013), também é verdade que é no espaço público que se jogam ainda as lógicas da integração social (europeia). Neste sentido, a União Europeia, antes de se constituir como um espaço identitário, é um dado discutível e sobre o qual os cidadãos europeus tomam posições quanto ao presente e futuro do projeto de unificação. Daí também o nosso interesse em querer perceber a urdidura que daqui resulta, tendo como ponto de partida as narrativas visuais que examinamos de seguida.

3. Indagando a identidade narrativa no ciberespaço: uma interpretação da identidade europeia através de *cartoons*

A Europa tem atravessado eventos críticos que ganharam amplitude noticiosa nos meios de informação e comunicação. Em duas décadas, a Europa vê-se atingida por uma constelação de crises – financeira, económica, política, social, migratória e humanitária, cujas consequências têm sido preocupantes ao nível da (des)integração do projeto de União.

Estas crises têm definido momentos fraturantes que adensam o debate na esfera pública e que, de resto, servem de matéria-prima para os trabalhos satíricos e humorísticos dos cartunistas. O cartoon apresentado na figura 1 é particularmente eloquente no que respeita às múltiplas crises e escolhos que se colocam no caminho da União Europeia, aqui representada como um navio em colapso e prestes a naufragar após o referendo que decide pela saída do Reino Unido da União, cujo barco vemos navegar em direção ao sol e águas tranquilas depois de se afastar da embarcação em apuros da UE.

Figura 1. Abandon Ship, cartoon da autoria de Ben Garrison



Fonte: Publicado no Jornal Público e partilhado através da sua página do Facebook, a 30-04-2017, <https://bit.ly/3nRECnw>

Esta ilustração é bastante rica e representativa do ambiente de tensões e conflitos que se vive no seio da União Europeia, sinalizando um certo caos na organização e funcionamento das instituições que se vem revelando desde a crise financeira de 2008. A imagem condensa múltiplas leituras, porventura, as mais evidentes (para lá do *Brexit*) são a da união económica fragilizada pela pressão do mercado de distribuições desiguais entre os Estados-membros e com consequências sociais e económicas tempestuosas para os países da Zona Euro (em particular, destaca-se o caso da dívida grega); por outro lado, temos uma União Europeia composta de instituições tecnocráticas e refém de procedimentos que dificultam a tomada democrática de decisões, desde logo pelo domínio assumido pela Alemanha. Um exemplo disto foi a resposta negligente e inoperante dos líderes da União às vagas migratórias que em 2015 se dirigiam para território europeu. Este

acontecimento agravou mais o estado da União por eclodir numa altura em que os países da Zona Euro tentavam ainda recuperar da recessão económica. Para além das dimensões política e económica, o *cartoon* deixa também pistas acerca dos debates culturais e ideológicos, nomeadamente ao colocar a bandeira com o símbolo do Islão a encimar a bandeira da UE, ao aludir à ameaça do “politicamente correto” e ao falhanço dos “globalistas”.

Da análise do *cartoon* acima emerge uma narrativa que sublinha a ameaça das convulsões intraeuropeias e descreve a Europa perdida na sua deriva identitária, uma interpretação que as análises subsequentes ajudarão a esclarecer.

3.1. O *Brexit* e os seus impasses

O ano de 2016 foi decisivo para o rumo do projeto da União Europeia, quando o referendo no Reino Unido ditou a vitória do patriotismo ao invés do europeísmo. Este desenlace não foi de todo surpreendente, até porque, durante a campanha para o referendo, já se vinha a notar o alheamento e desconhecimento dos britânicos para com a política europeia e o funcionamento das instituições da UE. Mais profundamente, o relacionamento do país com a comunidade europeia, desde a sua adesão em 1973, sempre se mostrou descomprometido com o projeto histórico-identitário, o que leva alguns autores a afirmar que “as identidades europeia e britânica foram frequentemente vistas como incompatíveis” (Leith et al., 2019, p. 560). O voto pela saída veio confirmar o compromisso frágil do Reino Unido com a UE, mais acentuado por uma longa campanha de desinformação levada a cabo pelos média de tendência tabloide e populista. Logo após este desfecho histórico, o *Brexit* (assim designado e difundido pelos média para identificar sucintamente o processo de saída) viria a ser matéria de muitas capas e artigos de jornais, que reverberariam nos comentários nas redes sociais onde se polarizavam as opiniões entre europeístas e anti-europeístas.

O resultado do referendo levou David Cameron, primeiro-ministro na altura, a renunciar ao cargo, assumido pouco tempo depois por Theresa May, que dali em diante tinha o papel de guiar os destinos do país e negociar o acordo que definisse as condições de saída e as futuras relações entre o Reino Unido e a União Europeia. A 29 de Março de 2017, o governo britânico notifica o Conselho Europeu sobre o seu desejo de saída da UE, acionando o artigo 50º do Tratado de Lisboa, que define o procedimento que permite a um Estado-membro retirar-se da União Europeia⁶.

O *cartoon* da figura 2 ilustra como a preparação da saída do Reino Unido tem sido encarada pelos dois lados. A União Europeia é representada pela figura da mitologia grega que deu nome à Europa, acompanhada do touro em que se teria disfarçado Zeus para a conquistar, mas aqui domesticado e plácido. Europa segura a porta por onde se espera que o Reino Unido faça uma “saída limpa”, como foi frequentemente referida pelos líderes políticos, que salvaguardasse as expectativas de ambas as partes. Apesar de bem assinalada a porta do *Brexit*, Theresa May faz uma saída apressada, imprevista e insensata, derrubando a parede e deixando estupefacta a parceira europeia. Precisamente, no decurso das negociações, a União Europeia manteve sempre posições claras e consistentes, num excecional exemplo de coesão entre os Estados-membros.

6 Para saber mais sobre o processo, aceder ao link: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/pt/MEMO_17_648

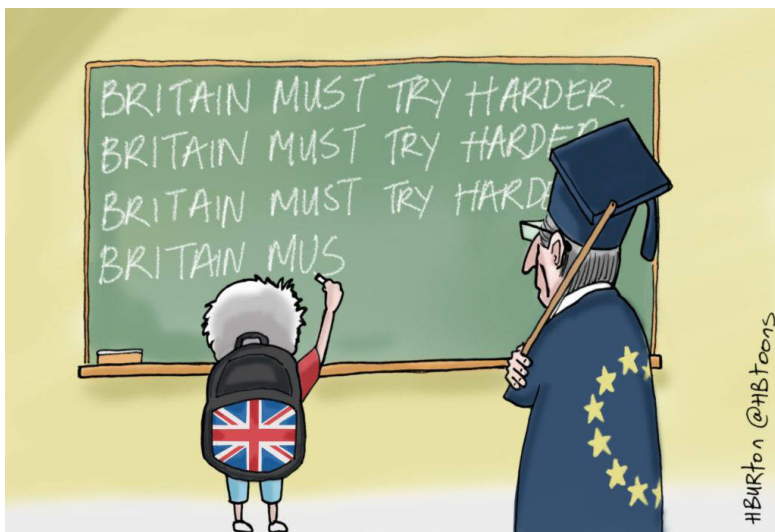
Figura 2. “Brexit”, cartoon da autoria de Marian Kamensky

Fonte: Partilhado na página de Facebook de Stand Up for Europe, a 08-04-2018, em <https://bit.ly/33L8D8y>

Incapaz de negociar um acordo comercial que fosse aprovado pelo parlamento britânico e sob o fogo do seu próprio partido, Theresa May desonera-se do cargo de primeiro-ministro, em 2018, vindo a ser substituída nas eleições seguintes por Boris Johnson.

Com mais recuos de que avanços, as negociações do acordo para o *Brexit* criaram instabilidade governativa, fazendo até pairar a ameaça de desmembramento do país, com a possibilidade de independência da Escócia, cuja população expressou, no referendo, vontade de manter a integração na UE. Tal como no *cartoon* anterior, também na ilustração da figura 3 a União Europeia é identificada com a ponderação, sabedoria e paciência de um mestre que castiga benevolmente um discípulo infantil e travesso.

Figura 3. “Britain must try harder”, cartoon da autoria de Harry Burton



Fonte: Partilhado na página de Facebook de Stand Up for Europe, a 03-09-2018, em <https://bit.ly/2EtPlqk>

Perante sucessivos impasses nas negociações do acordo de saída e as diversas tentativas por parte do Reino Unido de contornar as obrigações e consequências da decisão, a mensagem é clara: “A Grã-Bretanha [Reino Unido] tem de esforçar-se mais” ou não se encontrará terreno de entendimento que minimize os efeitos da drástica separação do bloco político, económico e institucional comunitário.

3.2. O dilema das migrações

Desde a década de 1950, o continente europeu tornou-se um porto de chegada para milhões de migrantes. Os fluxos de imigração intensificaram-se no século XXI, acompanhados da crescente resistência da opinião pública, do impulso de partidos anti-imigração e de políticas efetivas de fechamento das fronteiras a estrangeiros de países terceiros. A este cenário acrescentou-se o fluxo de refugiados

que, sobretudo a partir de 2014, chegava às fronteiras europeias, sendo a maioria em fuga da violenta guerra civil síria. A “crise dos refugiados”, como foi comumente designada, reportou-se antes de mais à crise que se instalou entre os países da União Europeia em face da sua incapacidade para lidar em sintonia com a grave situação que representava a chegada em massa de pessoas em busca de proteção. É precisamente este o acento colocado nos *cartoons* que de seguida se analisam.

Uma resposta adequada à crise humanitária na UE exigia da parte dos Estados-membros solidariedade para com os países que, tendo fronteiras externas, recebiam os refugiados. Para que isso acontecesse, era necessário consensualizar medidas políticas que configurassem uma visão comum para o problema e para as soluções. Em lugar disso, foram as fraturas internas que emergiram: de um lado, os países que assumiam a responsabilidade de acolhimento e abriram portas aos que procuravam refúgio; do lado oposto, os países que fecharam fronteiras e rejeitaram terminantemente políticas de recolocação dos refugiados; na linha da frente os países mediterrânicos que viam chegar às suas costas milhares de pessoas que tinham de ser acolhidas em campos de refugiados, e que arcaram com os grandes custos económicos, sociais e políticos. Precisamente, o *cartoon* da figura 4 faz uma leitura crítica, contraintuitiva até, da situação: a perturbação não é trazida pelos refugiados, mas são os países da UE que a provocam.

Figura 4. Sem título, cartoon da autoria de Luc Vernimmen



Fonte: Partilhado na página de Facebook de The Cartoon Movement, a 20-09-2016, em

<https://bit.ly/33YWoGA>

À mesa das negociações, vemos os líderes europeus alarmados e tentando, cada um por si, “sacudir” a ameaça trazida numa barca frágil que pode soçobrar com o embate de uma pequena onda. Se no Mediterrâneo as águas alteradas levam ao naufrágio de milhares de vidas entre os que arriscam a travessia, no continente são as ondas desencontradas entre os países europeus que criam a convulsão e põem em risco tanto as populações em migração forçada quanto a própria união da UE.

Figura 5. “I see. Identity crisis...”, cartoon da autoria de Chappatte

Fonte: Partilhado na página de Facebook de European Art, a 06-10-2018, em <https://bit.ly/2FWqH7B>

O *cartoon* da figura 5 retoma o tema. Num cenário que remete para uma sessão de psicanálise, o paciente que encarna a UE, em estado angustiado, fala ao terapeuta dos refugiados que chegam em barcos abarrotados, podendo deduzir-se a sua origem em países islâmicos pela cabeça coberta das mulheres. O terapeuta parece não ter dúvidas quanto ao diagnóstico: crise de identidade.

Neste *cartoon* sobressaem duas linhas de leitura. A mais evidente denuncia o pânico que o intenso fluxo de refugiados causa às instituições de liderança da UE, ecoando aqui os problemas de definição e operacionalização de políticas comuns para o acolhimento da massa humana que chega e os riscos de enfrentar uma opinião pública dividida quanto ao apoio a políticas de “portas abertas”, matéria muitas vezes aproveitada por grupos políticos extremistas que descrevem a situação como uma ameaça existencial para Europa, uma “invasão” por povos de matriz cultural inconciliável com a europeia, quando não mesmo como uma oportunidade de entrada de terroristas. Todavia, o pânico ou a angústia que o paciente deixa transparecer na ilustração, pode estar ligado a um mal-estar que Zygmunt Bauman (2007, p. 186) designou de proteofobia, para se referir a um “mal-estar de situações em que nos

sentimos perdidos, confusos, sem meios”, enfim, um sentimento de inaptidão que surge na falta de regras de conduta que auxiliem a gestão e ordenação do espaço social dos Estados modernos, hoje, cada vez mais multiétnicos em virtude das intensas migrações contemporâneas.

A segunda linha de leitura é de natureza reflexiva. O terapeuta, da distância do seu olhar clínico e imparcial, não vê o fenómeno na sua dimensão geopolítica, mas desce a algo mais profundo no seu paciente e arranca daí uma crise de outra natureza, porventura “recalcada”, para usar os termos esperados numa sessão de psicanálise. Que crise de identidade é essa? O fluxo de refugiados confronta a UE com as antinomias entre os seus valores e fundamentos e as práticas da *realpolitik*. No centro da crise identitária parece estar em questão o valor central de solidariedade ou, melhor dizendo, o exercício de “solidariedade diferenciada” (Michailidou & Trenz, 2018) que se instalou nas práticas dos atores políticos da UE.

Por um lado, o quadro em que ocorre o fluxo de migrantes é o de uma grave crise humanitária, com foco na guerra civil síria, mas com outros pontos de partida também marcados por conflitos violentos que afetam severamente populações civis do Médio Oriente e de África. A recusa de acolhimento a estas pessoas significaria uma violação do direito internacional (que, pela Convenção de Genebra de 1951, consagra a proteção dos refugiados) e uma rejeição inédita e cínica dos valores estruturantes da União Europeia consagrados nos seus Tratados: a dignidade do ser humano, a defesa dos direitos humanos, a garantia do Estado de Direito, a promoção da paz – portanto, conflituaria com os valores fundamentais da UE. Por conseguinte, os líderes da União Europeia incorreram numa *adiaforização* (Bauman, 2007, p. 155), ao terem tratado o fenómeno dos refugiados como uma categoria indiferente de avaliação moral. Isto é, numa altura que se urgia o consenso entre o coletivo europeu, alguns Estados-membros viriam a renunciar parcialmente aos princípios político-doutrinários plasmados nos seus tratados.

É neste sentido que a crise identitária, por outro lado, resvala para o campo das relações internas entre Estados-membros, na medida em que a “crise dos refugiados” atinge fortemente o princípio fundamental da solidariedade, que pressupõe a unidade, a coesão e a consensualização de soluções face a problemas comuns ou que afetem de modo particular algum(ns) Estado(s)-membro(s). Ora, as divergências entre países quanto à urgência de um acolhimento digno dos que procuravam refúgio e ao modo de distribuir essa responsabilidade por todos os Estados-membros acentuou o sentimento de crise identitária, que, na verdade, vem acompanhando a UE pelo menos desde a crise financeira e económica na segunda década do século.

Esta responsabilidade desigual que acabamos de enunciar é, porventura, consequência da fragmentação das ações políticas e dos princípios éticos que caracterizam a condição pós-moderna dos sujeitos e das instituições democráticas, na medida em que, no meio dessa “ambivalência irremediável e inexpiável” e da polifonia de vozes “muitas vezes divergentes e de lealdades conflituais e instáveis”, os cidadãos e as instituições são “forçados a enfrentar a sua autonomia moral e, do mesmo modo, a sua responsabilidade moral” (Bauman, 2007, p. 53), mesmo que isso acarrete uma maior volubilidade das relações sociais, uma desvalorização de certos valores fundamentais nas práticas e o desemprego de um princípio ético regulador e de auto-entendimento, dentro e entre as instituições dos Estados modernos.

Nota conclusiva

Da análise da pequena seleção de *cartoons* aqui desenvolvida podemos concluir que as narrativas mediáticas – visuais, neste caso – que se vêm configurando acerca da integração europeia estão em estreita consonância com a constelação de crises instalada no espaço europeu. Com visões mais positivas ou mais negativas, os desenhos dos artistas fazem notar a anomia política na governança da UE, as respostas

políticas insuficientes ou inadequadas face a problemas estruturais e, com isso, os riscos colocados à união dos Estados-membros e ao sentido de pertença dos cidadãos.

Os *cartoons* analisados refletem as tensões e contradições que permeiam o projeto histórico-político europeu. Com isto em perspectiva, é-nos possível dizer que a ideia de Europa unida é, hoje, uma ideia em escrutínio e questionamento no debate público, na medida em que se vislumbra uma União Europeia dilacerada por adversidades que rivalizam com os desígnios históricos e valores políticos fundadores. Mais ainda, as representações visuais que têm a União Europeia por tema confirmam uma conceção não monolítica ou essencialista da identidade europeia; pelo contrário, propõem um olhar crítico e multidimensional que promove processos reflexivos de construção identitária e abre caminho a visões plurais sobre a Europa.

Financiamento

Os autores gostariam de agradecer o apoio concedido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito da Bolsa de Doutoramento atribuída com a referência 2020.08656.BD, que financia o projeto intitulado – *Crise, memória e média: a identidade europeia no espaço público mediático*, e desenvolvido no quadro da instituição de acolhimento CECS-Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

The authors would like to thank the support given by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT), within the scope of the doctoral grant awarded with the reference 2020.08656.BD, and which finances the project entitled – *Crisis, memory and media: the European identity in public mediaspace*, and developed within the framework of the host institution CECS-Communication and Society Research Centre, based in Institute of Social Sciences of the University of Minho, Braga, Portugal.

Referências Bibliográficas

- Anderson, B. (2005). *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo* (C. Mira, Trad.). Edições 70.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: Cultural dimensions of globalization*. University of Minnesota Press.
- Bauman, Z. (2007). *A vida fragmentada: Ensaio sobre a moral pós-moderna* (M. S. Pereira, trad.). Relógio d'Água.
- Bauman, Z. (2004). *Liquid Modernity*. Polity Press.
- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity* (M. Ritter, transl.). Sage.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma Teoria da Prática* (M. S. Pereira, trad.). Celta Editora.
- Brubaker, R. & Cooper, F. (2000). Beyond "Identity". *Theory and Society*, 29 (1), 1-47. <https://doi.org/10.1023/A:1007068714468>
- Costa, P. R. (2020). Impactos da captologia. Problemáticas, desafios e algumas consequências do "dar vistas" ao ecrã em rede. *Sociologia On Line*, 23, 74-94. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2020.23.4>
- Costa, P. R. (2013). *Entre o ver e o olhar: ecos e ressonâncias ecrânicas*. [Tese de Doutoramento], Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/24492>
- Eder, K. (2009). The Theory of Collective Identity Making Sense of the Debate on a "European Identity". *European Journal of Social Theory*, 12 (4), 427-447. <https://doi.org/10.1177%2F1368431009345050>
- Elias, N. (2002). *Teoria Simbólica* (P. Valverde, trad.). Celta Editora.
- Erll, A. (2011). *Memory in Culture* (S. B. Young, Transl.). Palgrave Macmillian
- Habermas, J. (1991). *The Theory of Communicative Action: Reason and the Rationalization of Society* (T. McCarthy, Transl.). Polity Press.
- Hall, S. (1996). Introduction: Who Needs Identity? In S. Hall & P. D. Gay (Eds.), *Questions of Cultural Identity* (pp. 1-17). Sage.
- Hoskins, A. (2001). New Memory: Mediating History. *Historical Journal of Film, Radio and Television*, 21 (4), 333-346. <https://doi.org/10.1080/01439680120075473>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social. Uma introdução à teoria do ator-rede* (G. Cardoso de Sousa, Trad.). Edições Ufba.
- Leith, M.S., Sim, D., van der Zwet, A. & Boyle, E. (2019). What does Brexit tell us about our understanding of European identity?. *The Political Quarterly*, 90, 559-564. <https://doi.org/10.1111/1467-923X.12734>
- Lorenz, C. & Bevernage B. (Eds.) (2013). *Breaking up time: Negotiating the borders between present, past, and future*. Vandenhoeck & Ruprecht.
- Martins, M.; Miranda, J. B.; Oliveira, M. & Godinho J. (Eds.) (2017). *Imagem e pensamento* (2ª ed.). Edições Húmus. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/236

- Martins, M. L. (2017). A Circum-navegação de atmosferas e paisagens tecnológicas. In H. Pires, M. Curado, F. Ribeiro & P. Andrade (Coords.), *Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento* (2ª ed., pp. 11-18). Edições Húmus. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/230/showToc
- Michailidou, A. & Trenz, H-J. (2018). European solidarity in times of crisis: Towards differentiated integration. *Working Paper* 5, (pp. 1-17). Oslo: ARENA. Retrieved from <https://www.sv.uio.no/arena/english/research/publications/arena-working-papers/2018/wp-05-18.html>
- Rose, G. (2008). *Visual Methodologies: An introduction to the interpretation of visual materials* (2nd, ed.). Sage.
- Simmel, G. (2007). The Philosophy of Landscape. *Theory, Culture & Society*, 24 (7-8), 20-29. <https://doi.org/10.1177%2F0263276407084465>
- Somers, M. (1994). The Narrative Constitution of Identity: A Relational and Network Approach. *Theory and Society*, 23, 605-649. <https://doi.org/10.1007/BF00992905>
- Stråth, B. (2019). A Genealogy of crisis: Europe's legal legacy and Ordo-liberalism. In Kaius Tuori e Heta Björklund (Eds.), *Roman Law and the Idea of Europe* (pp. 261-284). Bloomsbury Academic. <https://doi.org/10.5040/9781350058767.0021>
-
- Trenz, H-J.; Brändle, V. K.; Cinalli, M. & Eisel, O. (2020). Taking voice and taking sides: The role of social media commenting in solidarity contestation. In Christian Lahusen (ed.), *Citizens' Solidarity in Europe: Civic Engagement and Public Discourse in Times of Crises* (pp. 149-176). Edward Elgar Publishing. <https://www.elgaronline.com/view/edcoll/9781789909494/9781789909494.xml>
- Trenz, H-J. (2014). *The Saga of Europeanisation: On the Narrative Construction of a European Society* (ARENA Working Paper no. 7). Centre for European Studies. <https://www.sv.uio.no/arena/english/research/publications/arena-working-papers/2014/wp7-14.html>
- Van Dijck, J. & Poell, T. (2013). Understanding Social Media Logic. *Media and Communication*, 1 (1), 2-14. <https://doi.org/10.17645/mac.v1i1.70>